cou em 84% do programado e a receita correspondeu a apenas 70% do total previsto. A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC), no entanto, em plano apresentado à CACEX, compromete-se a concretizar uma receita de US$ 500 milhões no corrente ano. Tendo em vista que o volume exportado no primeiro trimestre de 1982 equivaleu-se praticamente às exportações de 1981 (ver Quadro 1), é plausível esperar que o desempenho do corrente supere significativamente o do ano passado. Isto porque a exportação recorde verificada nos primeiros três meses não foi influenciada pelos ventos favoráveis que, a partir de abril, parecem soprar no mercado, em face do conflito no Atlântico-Sul. Em relação aos preços médios da carne exportada cumpre destacar a constante deterioração das cotações internacionais, principalmente da carne *in natura*, que declinaram 47% nos dois últimos anos. O recente conflito no Atlântico-Sul e a menor produção prevista para países exportadores de expressão no mercado internacional, como Austrália e Argentina, se não provocarem uma reviravolta nas cotações, serão pelo menos fator de estabilização do mercado (ver Quadro 2).

As recentes missões de inspeção sanitária da CEE levaram uma impressão favorável das condições exibidas pelos nossos principais frigoríficos. Pelo menos 38 frigoríficos foram considerados aptos a exportar carne para a CEE. Os pendentes de reformas e adaptações merecerão nova visita da CEE, que os liberará ou não para atuar naquele mercado. Segundo especialistas do setor, esse aprofundamento das exigências sanitárias responde, também, ao objetivo de impor barreias econômicas, visando a coibir as exportações de carnes para a CEE.

No plano interno, o fato relevante foi a liberação do preço da carne nos supermercados, segmento retalhista que, até recentemente, mantinha um acordo de cavalheiros com o governo para a venda de carne bovina a preços tabelados. A necessidade de utilização de certos artigos de compra obrigatória, como chamariz para venda de outras mercadorias, tem levado algumas cadeias de supermercados a promover a carne a preços inferiores aos da tabela distribuída pela ASSERJ. Esta solução mercadológica para aumento de vendas acabou por liquidar, na prática, com o tabelamento da carne, uma vez que os açougues também não o obedeciam. É preciso assinalar, no entanto, que essa não-transferência total da alta verificada nos preços do boi gordo para o mercado retalhista não vem ocorrendo de forma generalizada, mas restrita a determinadas cadeias de supermercados. No caso dos açougues, essa transferência tem-se verificado, em maior ou menor grau, nas praças de São Paulo e do Rio, em função da especificidade da linha de produtos desse segmento retalhista.

SUCO CÍTRICO

Perspectivas favoráveis para a safra 1982/83

O aumento de 94,6% na receita das exportações brasileiras de suco de laranja concentrado, em 1981, coloca este produto entre os principais na pauta dos manufaturados. Esse excepcional desempenho não resultou integralmente de esforços internos de produção e de conquista de mercados, uma vez que foi favorecido enormemente pela geada ocorrida em janeiro do ano passado nos pomares da Flórida, o que reduziu a produção de laranja naquele estado americano em 15%.

Assim, para o setor agroindustrial, o ano de 1981 transcorreu tranquilo, tendo sido escoadas para o mercado externo 639 mil t do suco cítrico concentrado. Apesar disso, em face do volume alentado da produção interna, estimava-se que o ano comercial terminaria, a 31 de maio, com um *carry-over* elevado, da ordem de 160 mil t de suco. Esta expectativa provocou, na época, certa apreensão nos setores agrícola e industrial, na medida em que se esperava para a safra 1981/82 uma produção superior à passada, que resultaria em uma produ-

ção de suco de aproximadamente 540 mil t, perfazendo assim um volume exportável de 680/690 mil t.

No início de janeiro deste ano, ocorreu nova geada sobre os pomares da Flórida, reduzindo desta vez a produção esperada em aproximadamente 25%, equivalente a uma quebra de 130 mil t de suco na produção norte-americana. Vale lembrar que esta nova redução, na produção de laranja daquele estado norte-americano, representou uma quebra acumulada de 36% sobre a safra de 1979/80, considerada normal (ver Quadro 1). Como conseqüência desse fato, os preços internacionais do concentrado sofreram seguidas elevações, chegando ao nível mais alto desde 1980, alcançando em meados de janeiro de 1982 a cotação máxima de US$ 1,59/lb (ver Gráfico 1). A partir de então, superado o momento mais crítico, as cotações apresentaram sucessivas quedas, estabilizando-se em torno de US$ 1,20/lb.

Para o Brasil, esta nova ocorrência climática resultou na venda de todo o seu estoque em menos de um mês, dobrando as exportações brasileiras em janeiro, comparativamente às do mesmo período de 1981. Assim, eliminou-se o espantalho do *carry-over* da safra 1980/81, reduzindo o volume exportável à quantidade a ser processada nesta safra e que deverá ser comercializada no mercado externo no período junho de 1982/maio de 1983.

As elevadas exportações brasileiras no primeiro trimestre representaram um aumento de 83,4% nas importações norte-americanas, no mesmo período. Significou também um aumento expressivo nos estoques de países europeus, temerosos de que houvesse uma elevação maior dos preços internacionais, caso a safra americana apresentasse posteriormente uma quebra mais acentuada. Vale lembrar que o volume processado de suco nos EUA até final de março representou uma queda de 17,5% na produção norte-americana e que o consumo interno naquele país teve uma redução de 9%, em igual período. A redução no consumo, porém, não deverá manter-se num nível tão elevado, tendo em vista que, também na temporada 1980/81, apresentou nos primeiros meses que se seguiram à geada queda

QUADRO 1

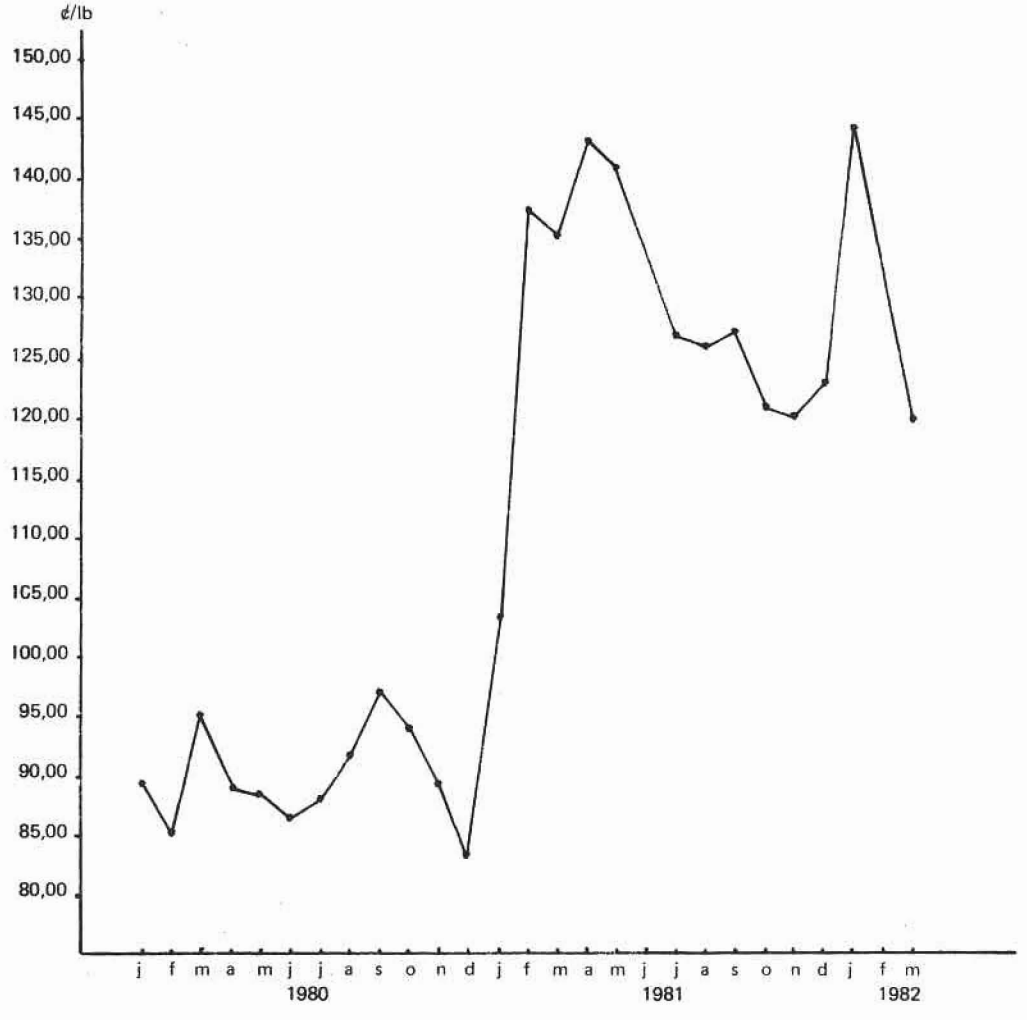
FLÓRIDA (EUA) – Produção de Laranja Segundo as Principais Variedades – Safra 1979/80-1981/82 – (1.000 caixas)

Variedades	1979/80	1980/81	Δ% anual	1981/82	Δ% anual
Precoces	117.900	105.600	(-11)	74.000	(-30)
Temples	6.000	3.600	(-40)	3.200	(-12)
Valências	88.800	66.800	(-25)	56.000	(-17)
TOTAL	206.700	176.000	(-15)	133.200	(-25)

FONTE: USDA.

GRÁFICO 1

SUCO DE LARANJA CONCENTRADO – Cotações Médias Mensais do 1º Futuro na Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque – 1980-82 – US ¢/lb-peso de Sólido Solúvel



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Unicom News

semelhante, mas que, no final, registrou uma redução média de apenas 4%. Este comportamento pode ser explicado pela elevação imediata do preço do suco, medida acautelatória quase sempre tomada pelos processadores, temendo uma falta no abastecimento. Posteriormente, o preço é reduzido em função da disponibilidade do produto no mercado internacional e do nível da queda no consumo interno daquele país (ver Quadros 2 e 3).

Levando-se em conta as atuais condições de mercado, que devem persistir, a colocação no exterior das 540 mil t de suco que deverão ser produzidas durante a temporada 1982/83, deverá ser possível, na medida em que a próxima safra norte-americana não conseguirá se recuperar das duas quebras sofridas nos dois últimos anos. Assim, caso não ocorra nova geada nos EUA em 1983, o Brasil ainda se beneficiará dos efeitos negativos das duas últimas safras, terminando mais um exercício sem estoque remanescente.

Aliás, a extrema dependência do mercado externo e, em especial, de adversidades climáticas nos laranjais norte-americanos, constitui o *calcanhar de Aquiles* do complexo agroindustrial brasileiro do suco cítrico. Assim, toda vez que a safra cítrica norte-americana transcorre normalmente, aumenta a possibilidade de haber excedentes no país, pelas seguintes razões:

1 — redução das compras americanas de suco;
2 — maior disponibilidade de suco norte-americano para abastecer mercados como o canadense, japonês etc;
3 — consumo interno insignificante.

Nessas condições, as soluções possíveis seriam aumentar significativamente as vendas no mercado interno e/ou chegar a novos mercados consumidores no exterior. A conjugação dessas duas alternativas seria o ideal, porém, a curto prazo, o aumento das vendas no mercado doméstico pode ser descartado, devido ao baixo poder aquisitivo da população, aos hábitos alimentares e a diversos fatores que dificultam a comercialização do produto dentro do país. Assim, resta apenas a possibilidade de se conseguir alcançar mercados novos co-

QUADRO 2

EUA — Produção, Consumo e Importação de Suco Concentrado de Laranja no Período de 1º de Dezembro a 3 de Abril — 1980/81 e 1981/82 — (1.000 galões)

	1980/81	1981/82	Δ% no período
Total do movimento no mercado interno	88.312,4	80.432,4	(-9,00)
Total importado	19.476,2	35.788,1	83,80
Total processado	119.774,5	99.369,2	(-17,03)

FONTE: Flórida Movement and Pack.

mo o Oriente Médio, China, América Latina etc, reduzindo desta forma o grau de dependência das vendas brasileiras em relação aos importadores tradicionais. Para alcançar este objetivo, é importante a manutenção de um preço competitivo no mercado internacional, prática aliás que, até o momento, tem obstaculizado o aumento da produção de alguns países, concorrentes potenciais do Brasil, preservando desse modo a nossa posição cômoda no comércio internacional.

No âmbito interno, apesar dos inúmeros debates entre os citricultores e industriais, permanece ainda indefinido o preço da caixa de laranja, a vigorar na safra 1982/83. O preço pleiteado pelos citricultores é de Cr$ 600,00/cx, 185,7% acima do preço vigente na safra anterior. Por outro lado, a indústria não parece disposta a aceitar esta reivindicação, argumentando que o nível dos preços internacionais do suco deverá este ano manter-se no mesmo patamar do ano passado, o que tornaria gravosa a exportação do produto. Caso os preços internacionais se mantenham no mesmo nível de 1981, e o crescimento da remuneração dos produtores nacionais não supere substancialmente a taxa de inflação, o ganho dos exportadores será determinado, basicamente, pela variação cambial do período, que deverá acompanhar a taxa acumulada de inflação.

Considerando-se, por outro lado, que o preço real pago ao produtor teve um aumento de 12,8% em 1981, a cotação da caixa de laranja deverá ser no mínimo de Cr$ 410,00/cx, de modo a permitir o mesmo nível de remuneração em 1982. Por outro lado, os custos de produção da laranja, estimados pelo IEA, sofreram uma majoração da ordem de 200%. Desse modo, a mera correção do preço da caixa de laranja pela taxa inflacionária não só significará a anulação do ganho real obtido em 1981 mas, também, um prejuízo de vulto. Esse valor, porém, continua sendo objeto de discussão, e seria desejável que o acordo saísse o mais rápido possível, a fim de beneficiar as partes interessadas. A consecução desse acordo sem a intervenção de órgãos federais, como a Cacex, que anualmente é chamada para resolver este tipo de questão, seria uma demonstração de vitalidade do setor, sobretudo num momento em que a área privada ressente-se do grau de intervenção do estado na economia e reivindica maior independência de ação.

QUADRO 3

SUCO DE LARANJA CONCENTRADO – Preço Nominal Médio Pago pelo Consumidor Norte-Americano – 1975-82 (US$/12 latas de 180 g)

Anos / Meses	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982
janeiro	2,244	2,383	2,040	3,508	3,787	3,787	4,150	4,250
fevereiro	2,254	2,352	2,776	3,508	3,787	3,787	4,250	4,150
março	2,254	2,352	2,752	3,514	3,787	3,787	4,050	4,050
abril	2,254	2,383	2,752	3,514	3,787	3,700	3,950	3,950
maio	2,254	2,383	2,752	3,514	3,787	3,700	3,950	–
junho	2,254	2,383	2,910	3,514	3,787	3,626	3,950	–
julho	2,246	2,187	2,910	3,514	3,787	3,626	3,950	–
agosto	2,246	2,187	3,101	3,514	3,787	3,626	3,950	–
setembro	2,246	2,187	3,223	3,514	3,787	3,626	3,950	–
outubro	2,358	2,187	3,223	3,524	3,787	3,626	3,950	–
novembro	2,383	2,187	3,459	3,649	3,787	3,780	3,950	–
dezembro	2,383	2,089	3,508	3,787	3,787	3,780	3,950	–

FONTE: Bureau of Labor Statistics, US Department of Labor.